

**MEDIUNIDADE PRESENTE NA PREPARAÇÃO DE ALIMENTO E  
DANÇA AFRO-BRASILEIRA**

Tereza de Fatima Mascarin<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é um recorte do projeto de doutorado em andamento desde 2015 pelo programa Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades – Diversitas USP. Neste artigo serão apresentadas por meio da história oral e pesquisa participante, também algumas imagens de ritual de preparo de alimentos e dança afro-brasileira, que “liga” o médium a entidades espirituais em três “linhas” de trabalho. Os ritos descritos neste artigo é uma das maneiras de pertencer a “cultura de Ganza”. Este considerado rei de um povo no além mar foi trazido da África como escravo no século XIX. Transmitiu seus conhecimentos a sua descendência e estes, também àqueles que conseguiram “entrar” pra sua cultura. Destarte fazer parte desta cultura, envolve entre outras coisas, conhecer e praticar especificidades mediúnicas “ligadas” por e com este povo.

**Palavras-chave:** cultura de Ganza, desenvolvimento da mediunidade, entidades espirituais, preparação de alimentos, dança.

Os rituais descritos neste artigo fazem parte de pesquisa de campo, cujo intuito neste trabalho etnográfico é apresentar características de uma cultura de matriz africana, cujos sujeitos estão envolvidos a partir da sua prática e o sentido que dão a sua crença. Destarte, trabalharemos com base nas proposições de Geertz (2008, p.4) que explicita ser o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e que a cultura são essas teias, cujas análises científicas devem buscar interpretar seus significados. É com este propósito que descreveremos o ritual de preparo de alimentos e da confecção da “coroa” para uma dança, realizada com médiuns do Terreiro Senzala, localizado na cidade de Maringá, Estado do Paraná. Com isto, interpretar o significado dos rituais a partir do sentido auferido pelo próprio grupo.

O líder espiritual do terreiro é Mestre Raiz, neto de Joaquim e bisneto de Ganza, ambos trazidos ao Brasil como escravos em meados do século XIX. Ganza era líder espiritual e rei na África. Os conhecimentos sobre a cultura de seu povo continuaram sendo ensinados, mesmo em meio à intolerância dos senhores de engenho às crenças de matriz africana. Fato este reconhecido pela historiografia, em que: “Mais do que

---

<sup>1</sup> DIVERSITAS USP. terezamascarin@usp.br.

escravizar e explorar o africano, era necessário impor-lhe uma religião, devassar sua identidade cultural, convencendo-o do poder de vida e de morte de que dispunham seus algozes.” (SILVA Jr., 2015, p.308)<sup>2</sup>.

Ganza veio de “um povo”, “de uma cultura” - expressões utilizadas pelas pessoas que participam internamente deste grupo para se identificar - formada pelo cruzamento de “guerreiros” de diferentes lugares, num tempo distante, antes de Cristo, cujos conhecimentos, foram transmitidos pela oralidade até os dias atuais<sup>3</sup>.

Os ensinamentos de Ganza e Joaquim envolviam, entre outras coisas, o preparo de alimentos para entidades espirituais pertencentes as sete linhas: linha das almas, linha dos velhos, linha dos caboclos, linha das águas, linha das crianças, linha dos exuns e linha das sete linhas. Neste sentido, a apresentação do preparo da “coroa” para a dança e os alimentos descritos na sequência, faz parte do desenvolvimento de uma das médiuns do terreiro, cujo ritual tem por escopo, dar abertura e também fazer a ligação espiritual com três povos de matriz africana. Neste sentido, podemos destacar o que diz Prandi sobre a formação da cultura brasileira:

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e sua civilização. (PRANDI, 1995-96, p. 67).

Em relação ao alimento este é entregue às entidades das “linhas” trabalhadas pela médium durante seu desenvolvimento, tudo sob a orientação do líder do terreiro. Também a dança com a “coroa” são partes de um mesmo ritual<sup>4</sup> de ligação espiritual e abertura mediúnica. Nem todos os médiuns passarão por este rito, pois, depende do tipo de mediunidade, interesse e tempo de dedicação para estar preparado para trabalhar com esta manifestação de dança. Observa-se que na cultura de Ganza, este ritual geralmente é feito por mulheres. Cada pessoa de maneira geral, independentemente da cultura ou

---

<sup>2</sup> Sobre intolerância religiosa, consultar: Vagner Gonçalves da Silva (Org.). **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Edusp, 2015. 328 p.

<sup>3</sup> ENTREVISTA, 18 de julho de 2011.

<sup>4</sup> ENTREVISTA, 23 de março de 2016.

seguimento religioso, segundo Mestre Raiz<sup>5</sup>, nasce com uma ou mais mediunidade(s) e o desenvolvimento depende da realização de obrigações espirituais específicas ao(s) diferente(s) tipo(s). O desenvolvimento implica em interesse. Atrelado a este o tempo de dedicação é requisito importantíssimo para a evolução e conclusão das etapas de progresso espiritual. No Terreiro Senzala o grupo de médiuns trabalhada a mediunidade de incorporação, abrindo sequencialmente para cada um o trabalho da clarividência e transporte.

Para o ritual da dança com a “coroa” fora realizado trabalho durante anos com a mediunidade de incorporação por uma médium, incluindo, também em seu desenvolvimento, por exemplo, conclusões de obrigações espirituais nas quais entidades pertencentes as suas manifestações atendessem solicitações de ajuda às pessoas que procuravam o terreiro e as confirmações de êxito das mesmas diante os pedidos. Todo este trabalho mediúnico orientado por Mestre Raiz proporcionou que as entidades das linhas das almas, dos velhos e exuns, se manifestassem nesta dança fazendo a “ligação” a nível espiritual com os três povos infracitados. A mediunidade de transporte auxiliou na energia necessária para essa manifestação e liame com os três povos escolhidos. A clarividência acompanha essas etapas, caso a médium tenha desenvolvido este tipo de mediunidade em nível que proporcione durante a preparação e o ritual, percepção mental de traços característicos destas entidades e povos. Em suma, é todo um trabalho de anos de dedicação de busca de conhecimentos e prática existente na Cultura de Ganza. Mesmo após a consumação da dança pela primeira vez, as obrigações espirituais deverão continuar, conforme veremos.

A preparação da coroa teve início quarenta e nove dias antes da dança. Os alimentos nove dias antes foram sendo energizados espiritualmente e preparados. Foram feitas concentrações espirituais com entidades de trabalho no terreiro pertencentes à médium para a “ligação espiritual”, antes e durante o ritual da dança.

Depois da “dança dos três povos” parte do alimento o qual não foi oferecido na *piana*, denominação da mesa dos médiuns onde ficam assentados os objetos para trabalhar espiritualmente e onde são feitas entregas e concentrações de cunho espiritual para as entidades,

---

<sup>5</sup> ENTREVISTA, 18 de julho de 2011.

é também partilhado para ser consumido pelos médiuns que estão participando no terreiro após a conclusão deste ritual.

A “coroa”, também denominada “capacete” (imagem 1) fora confeccionada pelas mãos de Mestre Raiz com cipó, e as linhas de trabalho – linha das almas, linha dos velhos e linha dos exuns - definidas por ele. Os apetrechos foram sendo colocados aos poucos na coroa pela médium que a usará no ritual da dança. São diferentes objetos, tais como, sementes, conchas do mar, fibras, também um rosário e bijuterias.



Imagem 1: “Coroa” preparada para a dança de três povos do continente Africano. Terreiro Sensala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

Para cada artefato é feita concentração espiritual com as entidades das linhas escolhidas para a coroa, conforme supracitadas. Algumas das peças são bijuterias doadas por pessoas do Terreiro Sensala, cujo objetivo é proteção para quem fez a doação. A “coroa” fica na *piana* para ser energizada espiritualmente pela médium durante alguns períodos de concentração espiritual, sendo retirada apenas por ela quando precisa manuseá-la e colocar os apetrechos para o dia da dança.

Para se trabalhar com a dança nas três linhas mencionadas anteriormente, Mestre Raiz elencou três danças características dos povos: Nagô, Congo e uma terceira de origem africana que ele reservou-se a não relatar para a pesquisa.

Assim, dando sequencia, esclarecemos que qualquer alimento no terreiro é oferecido primeiramente a uma entidade denominada Oruá, responsável pela benção dos alimentos. Posteriormente são feitos os usos devidos, mesmo que estes alimentos sejam

“entregues” para outras entidades, ou linhas, já com as bênçãos desta entidade específica.

No Terreiro Senzala existe um médium representante de Oruá, que é uma mediunidade peculiar e não comum, ligada a esta entidade. Este médium ajudou na preparação da comida, todos os alimentos passaram por suas mãos para a benção de Oruá. Desse modo, depois do pedido de benção dos alimentos a esta entidade por este médium e por Mestre Raiz, este último “médium de ventre”<sup>6</sup>, as castanhas foram colocadas durante todo o período de nove dias no sol, sendo levadas a noite para ser “guardadas” na *piana*. Ao completar este período foram bem piladas (imagem 2) e “guardadas” por três dias na *piana*. À partir das sete horas que antecediam o ritual no dia quadragésimo nono do início da preparação da “coroa”, os alimentos foram burilados para a finalização. Os demais produtos eram: batata e arroz, cozidos. Ficaram “guardados” na *piana* nestas sete horas antecedentes. Oferecidos por meio de velas às entidades que estavam fazendo parte do trabalho (imagem 3). Na sequência, os alimentos foram levados a beira do fogão a lenha e misturados num alguidar de argila (figura 4).



Imagem 2: Alimentos sendo pilados. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (23/03/2016). Arquivo pessoal.



Imagem 3: Alimentos sendo oferecidos e energizados. Terreiro Senzala. Maringá- Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

Acrescentou-se mel aos alimentos (imagem 4). Depois de bem misturados pela representante da “coroa”, reservou-se uma parte que foram feitos em formato de

---

<sup>6</sup> Médium de nível espiritual elevado.



# XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

bolinhos e entregues no terreiro onde está a *piana*, primeiramente para as entidades que encabeçaram as três linhas da “coroa” (figura 5) bem como também entregues pela representante da “coroa” num prato de argila: um para Oruá, outro para um médium do terreiro escolhido por ela e outro para ela que irá usar a “coroa”. Abrindo, portanto, uma sequência de “ligações” espirituais a partir dos mesmos alimentos. Estas entregas no terreiro (imagem 5) poderiam ficar no máximo por sete dias, neste período foram “despachadas” na encruzilhada.



Imagem 4: Alimentos sendo misturados para serem Oferecidos no ritual. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.



Imagem 5: Alimentos oferecidos junto a “coroa”. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo Pessoal.

Somente depois de cumprida todas essas fases, destacando o alimento como parte importante para a realização do ritual é que pôde ser realizada a dança, para concluir a “ligação” mediúnica com os “três povos” citados. Os liames foram sendo estabelecidos por meio de concentrações dos médiuns envolvidos neste ritual com as entidades. A representante da “coroa”, interligando as linhas a partir da *piana*, com os alimentos e objetos que fariam parte do ritual.

A dança da médium com a coroa está imbuída de vários traços de expressão de sete nações, pertencentes aos três povos citados (imagem 6). Portanto, as expressões das danças do Congo, Nagô e outra de matriz africana não revelada, segundo Mestre Raiz, deverá “atingir as sete nações, e num laço bem distante, até conseguir ‘entrar’, dar início a uma ‘entrada’ de incorporação, ou um transe, [...] ela tem que ter a sabedoria pra impedir e encerrar a dança.” (ENTREVISTA, 23/03/2016).

# XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA



Imagem 6: Dança com a “coroa”.  
Terreiro Senzala. Maringá Pr.  
Autoria: Tereza de F. Mascarin.  
(26/03/2016). Arquivo pessoal.



Imagem 7: Alimento preparado para o ritual da dança com a “coroa” distribuído no Terreiro Senzala. Terreiro Senzala. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

Durante sete anos esta “coroa” pertencerá à médium, sendo somente ela responsável por seu zelo, passando todo este tempo “guardada” em sua *piana*. Entretanto, a cada sete meses e nos primeiros vinte e um dias do início de cada ano, bem como, nas manifestações de danças que envolvem as linhas trabalhadas por qualquer médium do terreiro, ela deverá fazer este ritual da dança. Ao completar sete anos a médium deverá passar a coroa para outra pessoa preparada para recebê-la. Porém, caso continue com ela por mais quatorze anos, completando portanto vinte e um anos, após este período, suas “obrigações” espirituais devidas pelo cuidado da “coroa” terminam, refazendo, contudo, este ritual a cada sete anos, enquanto permanecer com ela. Podendo, a cada sete anos transferir para outra pessoa ou manter pelo resto de sua vida.

Sequencialmente finalizando o ritual, a outra parte do alimento que ficou reservada foi levada para o sol e depois da dança foi retomado seu preparo, acrescentado sal, feitas as “plastinhas” e oferecidas aos médiuns do terreiro para ser consumida (imagem 7). O sal é acrescentado ao alimento quando as pessoas do terreiro foram comer. Para oferecimento as entidades ele é interdito na comida, sua importância

e eficácia são para o preparo de banhos de descarrego, ou alguns tipos de remédios em que se utilizam ervas medicinais e se trabalha com a ajuda das entidades.

É interessante observar que para este ritual, existiram diversos e diferentes momentos de sacralização dos alimentos, bem como, dos materiais utilizados para a confecção da “coroa”. Com as etapas rituais vão deixando de ser profanos. Desde cada alimento sendo colocado no sol, levado a *piana* para ser energizado por meio de concentração, em que as “puxadas”, como dizem os participantes do terreiro, por meio de energias espirituais com as entidades tornam o alimento sagrado. O representante de Oruá fortalecendo a sacralização do alimento com “sua” entidade. A *piana* como espaço de sacralidade no terreiro onde se oferecem e entregam os alimentos, bem como os objetos. Neste sentido, podemos explicitar Eliade para a importância destes espaços: “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p.20).

Concluindo de maneira sumária, os alimentos também são importantes para o construto das culturas e tem aspectos de relevância e valor social. Como aduz Santos (2005, p.12), se alimentar é um ato nutricional, comer é um ato social, em que os alimentos não são apenas alimentos, implica em atitudes ligadas aos costumes, aos usos, situações, protocolos e condutas. Neste sentido, ampliamos a colocação do autor enfatizando que os alimentos também contêm o gérmen que propicia o “encontro” com a espiritualidade conforme vimos no ritual descrito neste artigo. O alimento foi parte importante para a “ligação” com os três povos, cuja manifestação de dança é outro fator importantíssimo dentro da cultura, tornando os movimentos do corpo um código que é reconhecido por quem identifica os movimentos caracterizados em cada um dos três povos mencionados.

Portanto, a maneira como é realizado o desenvolvimento da mediunidade na cultura de Ganza, interligado ao ritual do preparo dos alimentos, bem como da dança apresentados neste trabalho, é um dos aspectos que caracteriza o pertencimento a Cultura de Ganza, entre tantas culturas com suas diferentes maneiras de pertencer.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 252 p.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (Org.). **O Trabalho do Antropólogo**. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora da Unesp, 2006. 222 p.

PRANDI, Reginaldo. As Religiões Negras na Sociedade Branca. **Revista USP**. São Paulo, n. 28, p. 64-83, dezembro/fevereiro 95/96.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42. Editora UFPR, p. 11-31, 2005.

SILVA Jr., Hédio. Notas sobre Sistema jurídico e Intolerância Religiosa no Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.). **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Edusp, 2015. 328 p.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ENTREVISTA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 18 de julho de 2011. (1 hora).

ENTREVISTA. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 23 de março de 2016. (1 hora).

OBSERVAÇÃO. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 23 de março de 2016. (4 horas).

OBSERVAÇÃO. Terreiro Senzala. Maringá Pr. 26 de março de 2016. (10 horas).

# XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

IMAGEM 1: “Coroa” preparada para a dança de três povos do continente Africano. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 2: Alimentos sendo pilados. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (23/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 3: Alimentos sendo oferecidos e energizados. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 4: Alimentos sendo misturados para serem oferecidos no ritual. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 5: Alimentos oferecidos junto a “coroa”. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 6: Dança com a “coroa”. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.

IMAGEM 7: Alimento preparado para o ritual da dança com a “coroa” distribuído no Terreiro Senzala. Terreiro Senzala. Maringá-Pr. Autoria: Tereza de F. Mascarin. (26/03/2016). Arquivo pessoal.